

EFEITOS DE SENTIDO DO *EPIMITIO*: entre o discurso e a argumentação

André Luiz Gaspari Madureira*

RESUMO: *Com este trabalho se objetiva analisar os aspectos de discursividade e de argumentação presentes na construção de um epimitio. Como corpus tem-se o epimitio da fábula intitulada “A galinha Reivindicativa”, contida na obra Fábulas Fabulosas, de Millôr Fernandes. O plano teórico escolhido é o do imbricamento entre a Análise do Discurso de linha francesa, fundamentada pelo filósofo Michel Pêcheux, com a Nova Retórica, de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca. A proposta é assentada na propriedade de se investigar a relação entre Formações Discursivas, juntamente com as estratégias argumentativas presentes na construção do lógos (λόγος). Desse modo, chega-se à percepção de que as condições sócio-históricas de produção do dizer, aliadas ao jogo argumentativo, sinalizam para um plano de (re)produção de efeitos de sentido, cuja propriedade argumentativa se acentua de modo a propiciar a desconstrução de certas perspectivas significativas, estabelecidas pela impressão de transparência da linguagem.*

PALAVRAS-CHAVE: *Argumentação, Discurso, Formação Discursiva*

ABSTRACT: *This work aims to analyze aspects of discursivity and argumentation present in the epimitio construction. The corpus is made of the fable “A galinha Reivindicativa”, which makes part of Fábulas Fabulosas (free translation: Fabulous Fable) by Millôr Fernandes. The theoretical plan chosen is the imbrication between the French Discourse Analysis, well-grounded by the philosopher Michel Pêcheux based on the New Rhetoric by Chaïm Perelman and Lucie Olbrechts-Tyteca. The proposal lies on the investigation of the relation among Discursive Formations in conjunction with argumentative strategies present in the construction of lógos (λόγος). Therefore, it comes to the perception that the social-historic conditions of production of saying, allied to the argumentative game, point out a plan of (re)production of meaningful effects whose argumentative property stresses up to the point of offering a deconstruction of certain significant perspectives set by the impression of language transparency.*

KEYWORDS: *Argumentation; Discourse, Epimitio, Discursive Formation*

* Doutor em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Professor Adjunto de Letras/Linguística do Departamento de Letras do *campus* II, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL), do *campus* I, na UNEB.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Não é incomum encontrar análises discursivas e retóricas de fábulas, principalmente em revistas científicas na área de Letras. Mais comum ainda é encontrar, como objeto de estudo em tais análises, os textos narrativos que compõem as fábulas, os quais guiam o olhar do leitor/analista à moral que é estabelecida. Nesse caso, a história normalmente marcada pelo comportamento antropomórfico dos animais se constitui como o fio condutor da investigação linguística acerca da fábula.

Entretanto, por um viés diferente, neste artigo se propõe iniciar uma investigação retórico-discursiva a partir não propriamente do texto narrativo, e sim do *epimitio* presente na fábula “A galinha Reivindicativa”, produzida por Millôr Fernandes. A mudança de percepção de *corpus*, neste caso, se justifica já que o *epimitio* apresenta uma propriedade reiterativa e, portanto, argumentativa, que o torna passível de ser visto como um dizer pedagógico, anônimo, universal, fruto da sabedoria popular.

Mediante a ideia de que a linguagem é um elemento não-transparente, cuja opacidade remete a relações que transcendem a percepção do óbvio, surge a necessidade de investigar o efeito de sentido tido como universal. A partir daí, é possível não somente chegar a outros efeitos que emergem da reflexão das condições de existência do discurso, mas compreender como, em um jogo tensivo entre o discurso e a argumentação, tais efeitos passam a compreender o espaço da leitura e da interpretação.

Por esse viés, a perspectiva bakhtiniana de transmutação de gênero textual se presentifica como forma de auxiliar na investigação sócio-comunicativa do *epimitio*. Já para a apreciação retórico-discursiva, são mobilizados certos princípios da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), fundamentada por Michel Pêcheux, que fazem parte das condições de existência do discurso. Como recorte, recebem enfoque a perspectiva de impressão de transparência da linguagem, as formações discursivas (FD's) e o interdiscurso. Na linha de abordagem da Nova Retórica, elaborada por Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, mobilizam-se, para a análise do lógos (λόγος), as estratégias argumentativas.

Diante desses pressupostos, pretende-se proporcionar um imbricamento teórico entre a AD e a Nova Retórica, por meio do recorte situado. Com a proposta de mudança do ponto de partida da narração para o *epimitio*, visa-se auxiliar na percepção tanto de relações discursivas a partir das quais a linguagem se estabelece, quanto do jogo argumentativo que é instaurado.

Espera-se, assim, identificar que estratégias argumentativas se presentificam no *corpus* de análise e como se dá a relação interdiscursiva para a instauração dos efeitos de sentido oriundos do *epimitio* em questão.

O EPIMITIO E O PROCESSO DE TRANSMUTAÇÃO

Em latim, o termo *fabulare* designa o ato de falar, de conversar, o que remete a uma das atividades comunicativas mais utilizadas pelo homem e, por isso, de maior dificuldade no que diz respeito à identificação do momento e do local de sua origem.

Assim, devido à natureza oral, a fábula se aproxima do que Bakhtin (2003, p. 263) chama de “gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata”. Essa posição também é aceita por Macêdo (2003, p. 214), que se coloca da seguinte maneira: “Se aceitarmos a distinção dos gêneros de discursos feita por Bakhtin, a fábula estaria inscrita entre os gêneros de discursos primários livres, constituídos por aqueles da vida cotidiana, produzidos em situação espontânea”.

Apesar da relação etimológica com o ato de conversar, a fábula se constitui como um gênero discursivo cujo propósito transcende os limites da comunicação ordinária. Pela característica de apresentar normalmente uma narrativa curta, alegórica, a qual remete a questões de ordem moral, torna-se um gênero acessível e, ao mesmo tempo, persuasivo. O caráter moral não raro é explicitado como forma reiterativa a serviço da memorização.

Sobre essa característica, Cascudo (1983, p. 684) expõe o termo *epimitio*, referente à finalidade moral:

Essa finalidade moral, o *epimitio*, *epi-mythos*, sobre, acima, fora, conseqüência da fábula, envolve a necessidade sentenciosa, divulgação de preceitos para o comportamento social da tribo. Ao contrário do *non bis in idem*, a técnica era a reiteração, o *bis repetita placent*, para a facilidade da memorização.

Ao papel reiterativo do *epimitio* subjaz uma propriedade argumentativa voltada a ratificar a postura da moralidade, já que a esta se pressupõe a existência de uma verdade universal, de ordem geral. Claret (2004, p. 12-13) considera que a fábula contém em si a narrativa e a moralidade. “A primeira trabalha as imagens, que constituem a forma sensível, o corpo dinâmico e figurativo da ação. A outra opera com conceitos ou noções gerais, que pretendem ser a ‘verdade’ falando aos homens”.

Pela forma sintética da demarcação do *epimitio* em fábulas, passa-se a refletir sobre o processo de transmutação. Sob esse ponto de vista, revela-se a possibilidade de um gênero ser formado a partir da assimilação de características de outro (Cf. MARCUSCHI, 2007, p. 20). Ao se pensar a fábula por meio desse prisma, recorre-se à posição de Cascudo (1983, p. 602-603), para quem é verossímil que a fábula tenha passado por esse processo de transmutação. Diante dessa perspectiva, seria proveniente de um alongamento de provérbios, aos quais se associariam sequências romanceadas. Nesse processo, instaura-se um universo mítico de narrativa em que frequentemente figuram animais como protagonistas, mobilizados para tratar das virtudes e dos defeitos do homem.

Com relação à funcionalidade dos gêneros em tela, é possível perceber que, ao se enunciar, ou melhor, reenunciar uma fábula ou um provérbio, tem-se a sensação de remeter a uma voz anônima, a uma sabedoria universal. E é justamente no plano de reenunciação que reside o fator persuasivo. A presença da reenunciação em diversos contextos sócio-

comunicativos torna a persuasão uma meta. A exemplo, segundo Cohen (1991, p. 23), os provérbios “foram sempre usados pelos poetas e pelos mestres da religião, para fixar nas multidões princípios fundamentais.” Ainda sobre essa propriedade argumentativa, Rocha (1995, p. 82) salienta:

Esta é uma das razões pelas quais o provérbio constitui um discurso de autoridade, ou um discurso autoritário: não apenas ele provém de uma sabedoria anônima incontestada, mas impõe-se pela força ao impedir a reciprocidade característica do intercâmbio lingüístico.

Em meio a tal perspectiva, o locutor não é visto propriamente como enunciador, por apenas retomar o discurso de um enunciador anônimo que não pode ser acessado. Na realidade, o locutor passa a ser um reenunciador. Quanto ao alocutário, com o uso do provérbio, a relação estabelecida é impessoal, mesmo quando, em alguns casos, o provérbio se apresenta em primeira ou em segunda pessoa. Retomando os estudos de Benveniste (2005) sobre a subjetividade da linguagem, com a impossibilidade de o sujeito subjetivo se dirigir efetivamente ao sujeito não subjetivo no trânsito lingüístico entre o EU e o TU, a utilização dessas pessoas dá-se à margem desse processo, visto que o discurso, na verdade, é reproduzido por um reenunciador. Diante do cenário reenunciativo do provérbio, Rocha (1995, p. 83) esclarece que o uso da primeira e da segunda pessoa “é raro, marginal e, além do mais, metalingüístico”.

Desse modo, por se verificar no *epimitio* uma estrutura sintética, a exemplo do provérbio, aliada a um teor argumentativo, torna-se relevante propor uma análise pautada na estrutura que mais se assemelha ao ponto de

transmutação fabular. É necessário, então, explicitar as bases da análise, os elementos teóricos selecionados, para se investigar tanto os efeitos discursivos, quanto argumentativos que nele se instauram.

POR UM PROCEDIMENTO RETÓRICO-DISCURSIVO

Mobilizar uma teoria não subjetiva da subjetividade e propor um plano de entremeio com uma perspectiva argumentativa que leva em conta a posição do orador implica apresentar formas de administração das contradições teóricas. Para isso, aqui se definem os pontos de convergência que possibilitam propor uma aproximação entre essas duas posições, em prol da consolidação de uma análise que abarque a argumentação e o discurso.

No plano da AD, institui-se a percepção da impressão de transparência da linguagem como um efeito necessário para a constituição do dizer. Por esse viés, os efeitos de sentido surgem como se já estivessem lá, acessíveis por meio da linguagem. Contudo, tais efeitos só são passíveis de se instaurar quando inscritos no jogo interdiscursivo, em que “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas” (PÊCHEUX, 1995, p. 162), o que remete ao interdiscurso, às redes de relações entre discursos.

Nessa perspectiva, os efeitos de sentido passam a estar diretamente ligados às práticas ideológicas que são fomentadas no contexto sócio-

histórico de instauração do dizer. Compreender, pois, como tais efeitos ocorrem pressupõe investigar como as FD's se relacionam; como, no espaço estabelecido entre o discursivo e o ideológico, “se desdobram as formações discursivas em função de relações de dominação, subordinação, contradição” (MALDIDIER, 2003, p. 51). Essas relações tendem a evidenciar o deslizamento de sentidos para se chegar àqueles efeitos que, à primeira vista, parecem óbvios, parecem “já-lá”, mas que, na realidade, são reinscritos no processo dinâmico e constante de paráfrase e polissemia que permeia a linguagem.

Tais efeitos, por sua vez, não são observados mediante a intenção do indivíduo, e sim pelas condições sócio-históricas de existência do discurso, o qual não remete à produção psicofisiológica, nem ao produto do pensamento do orador, mas a esses efeitos de sentido que se estabelecem em um determinado contexto. Nesse campo de deslocamento de conceitos, o sujeito na AD (ou forma-sujeito) é direcionado à ideia de lugar social e que, por isso, se coaduna a uma determinada FD. Desse modo, ao se analisar a produção de um escritor, no plano da AD não há busca de investigação dos seus pensamentos, dos seus desejos, das suas intenções ao se produzir um texto, mas dos efeitos de sentido que emanam da materialidade linguística. Considera-se, pois, o contexto de produção da obra, bem como o lugar de sujeito, ou seja, o lugar social de onde se fala, nesse caso, de escritor.

Se, por um lado, com a AD a análise passa de um plano subjetivo (análise das intenções do autor) a um plano materialista (análise das

materialidades ideológica, discursiva e linguística); por outro lado se distancia dos pressupostos da retórica. Na medida em que ressignifica conceitos como os de sujeito, discurso, sentido, a AD, de certo modo, rompe com a abordagem da linguagem que toma o orador como uma imagem projetada por estratégias argumentativas mobilizadas pelo sujeito falante.

Como forma de gerenciar essas contradições teóricas, a partir de um recorte no arcabouço da Nova Retórica, parte-se para a mobilização do conceito de *lógos* (λόγος), mais precisamente das estratégias argumentativas que, no caso desta pesquisa, se presentificam no *epimitio*. Para Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2005, p. 211), “o discurso persuasivo produz efeitos por sua inserção, como um todo, numa situação, ela própria o mais das vezes bastante complexa”. Esses efeitos, por sua vez, se materializam, sobretudo, na organização da linguagem, na disposição dos termos. É neste sentido que a Nova Retórica é mobilizada: como um campo de conhecimento voltado à reflexão sobre as formas a partir das quais a linguagem persuasiva se constitui.

Por esse plano de entremeio, a linguagem surge como um elemento opaco, lugar de materialização do discurso, sujeita às condições de existência que possibilitam a instauração do dizer. A argumentação se instaura na estrutura linguística como um efeito (social, discursivo, ideológico), regido pelo lugar em que o sujeito (do discurso) se estabelece. A subjetividade proveniente das intenções, das paixões do orador, dá espaço à identificação do lugar social de onde emana o dizer. As estratégias

argumentativas passam a ser concebidas considerando-se o sujeito discursivo e a heterogeneidade do ambiente sócio-histórico. Por esse ponto de vista, o interesse não é identificar o que o orador quis dizer, e sim as ancoragens retórico-discursivas que possibilitam a instauração de certos efeitos de sentido.

Como a persuasão é um efeito de sentido (e, em um movimento de retorno, produz efeitos), pretende-se, nesta proposta, analisar as estratégias argumentativas em conjunção às práticas ideológicas e à interpelação da forma-sujeito. Não se trata, pois, de se lançar à interpretação das palavras do orador, da intenção de um indivíduo para se chegar às técnicas argumentativas, já que, no plano de entremeio teórico, tais estratégias passam a ser concebidas não como produto da intenção de alguém, mas como indícios presentes na materialidade linguística que apontam para a instauração não de um sentido preciso, mas de deslizamentos de sentido. Trata-se, portanto, de lançar um olhar sobre materialidades discursivas, na posição da AD, tomando os efeitos de sentido como elementos norteadores da percepção da estrutura argumentativa materializada no dizer.

ANÁLISE DO *EPIMITIO*

Para a realização da abordagem retórico-discursiva, foi selecionado o *epimitio* “Um trabalho por jornada mantém a faca afastada”, presente na obra *Fábulas Fabulosas*, do escritor brasileiro Millôr Fernandes.

Ao tomar o *corpus* a partir do ponto de transmutação, percebe-se uma semelhança com a estrutura do provérbio. O teor reenunciativo, a propriedade reiterativa, a voz anônima, a sabedoria universal são elementos estabilizantes do provérbio (e, por esse viés, do *epimitio*) que passam a permear a memória discursiva, demarcando esse espaço discursivo que coloca em jogo a manutenção e o deslizamento de efeitos de sentido, diante do jogo de paráfrase e polissemia que compreende a linguagem.

Diante da impressão de transparência da linguagem, ao se analisar o referente *epimitio*, percebe-se a presença de elementos voltados respectivamente a uma atividade periódica (trabalho por jornada) e a um instrumento concreto (faca). Como a fábula tem a característica de apresentar uma narrativa alegórica para disseminar preceitos morais, é justificada a remissão a termos de outra natureza, representados pelos elementos materializados linguisticamente.

No fragmento é instaurado o argumento metafórico, o qual tem em si subjacente uma relação de analogia. No caso do raciocínio por analogia, tem-se uma similitude referente às relações dos pares de termos A e B e C e D, de modo que ao primeiro conjunto dá-se o nome de **tema**, enquanto o segundo é tido por **foro**. O tema se refere aos termos da conclusão a que se quer chegar, já o foro representa os termos em que os raciocínios se firmam. Reboul (2004, p. 185) salienta a dinâmica entre esses conjuntos, ao identificar a analogia satírica presente na frase “Hierarquia é como prateleira: quanto mais em cima, menos utilidade”:

Ela exhibe duas relações. A primeira, o tema, é o que se quer provar, que a hierarquia não serve para quase nada em seu ápice. O segundo, o foro, é o que serve para provar: quanto mais uma prateleira é alta, menos é acessível. O foro é em geral retirado do domínio sensível e concreto, apresentando uma relação que já se conhece por verificação. O tema é em geral abstrato, e deve ser provado.

Como ponto de apoio para explicar o tema, o foro normalmente é mais conhecido do que a ideia a ser provada. Além do mais, a analogia implica ainda a assimetria entre os conjuntos mencionados, o confronto entre tema e foro, com a necessidade de que cada qual pertença a áreas distintas. Dessa forma, os conjuntos só podem instaurar esse tipo de argumento quando pertencem a domínios diferentes.

As fábulas, junto com as alegorias, compreendem, na perspectiva de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 447), analogias do tipo reconhecido. Desse modo, os termos do foro se apresentam na materialidade linguística, enquanto os do tema podem ser presumidos a partir da análise das partes do *epimitio*, levando-se em conta o valor pedagógico oriundo da relação de transmutação.

Diante do processo de transmutação, o *epimitio* pode ser inicialmente analisado em separado do texto fabular, como um fragmento proverbial¹ e, portanto, com teor universal. Por esse viés, na estrutura do argumento metafórico, A está para B, assim como C está para D. Considerando-se os termos do foro A = trabalho por jornada / B = afastamento da faca, pode-se chegar aos termos do tema C = responsabilidade / D = manutenção da paz. A percepção dos termos do foro se dá mediante a reflexão acerca da

¹ Abordar o *epimitio* desvinculando-o inicialmente do texto fabular é apenas uma estratégia de identificação de certos efeitos de sentido, tidos como universais. Para a análise, essa estratégia auxilia na percepção de parte do processo de deslizamento de efeitos de sentido e da instauração da ironia.

memória discursiva. No caso do foro A, retomam-se dizeres sócio-históricos sobre o papel do trabalhador, o qual se volta à questão da responsabilidade, tanto para os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE's) – família, escola, comunidade –, quanto para os Aparelhos Repressores de Estado (ARE's) – exército, polícia (Cf. ALTHUSSER, 2003). Contribuindo com seu trabalho social, chega-se ao afastamento da faca, ou, em outras palavras, à manutenção da paz, o que remete a outra estratégia argumentativa – o argumento pela regra de justiça: se eu trabalho, é justo que tenha uma vida de paz.

Desse modo, da mesma forma em que, no foro, o trabalho por jornada (A) está para o afastamento da faca (B); no tema, a responsabilidade (C) está para a manutenção da paz (D). Isso materializa uma das FD's à qual o termo “trabalho” se vincula, já que, na sociedade, não raro é visto como uma prova de responsabilidade. Por esse viés, o *epimitio* se constitui enquanto conselho, enquanto instrução para uma vida de paz na sociedade.

Na perspectiva dos estudos da AD, a linguagem, apesar de se apresentar mediante uma impressão de transparência, não é transparente. Não é possível atravessá-la para se chegar ao sentido preciso, único. E a opacidade da linguagem tem a ver com o jogo interdiscursivo subjacente, o que sinaliza para a necessidade de se compreender o contexto em que surge, conhecer as condições de existência do discurso. Assim, torna-se fundamental perceber qual o texto reiterado pelo *epimitio* (enquanto

elemento próprio do gênero fabular), em que fábula se materializa – nesse caso, “A galinha reivindicativa”:

A Galinha Reivindicativa Ou the hen's liberation

Em certo dia de data incerta, um galo velho e uma galinha nova encontraram-se no fundo de um quintal e, entre uma bicada e outra, trocaram impressões sobre como o mundo estava mudado. O galo, porém, fez questão de frisar que sempre vivera bem, tivera muitas galinhas em sua vida sentimental e agora, velho e cansado, esperava calmamente o fim de seus dias.

- Ainda bem que você está satisfeito – disse a galinha. – E tem razão de estar, pois é galo. Mas eu, galinha, fêmea da espécie, posso estar satisfeita? Não posso. Todos os dias pôr ovos, todo semestre chocar ovos, criar pintos, isso é vida? Mas agora a coisa vai mudar. Pode estar certo de que vou levar uma vida de galo, livre e feliz. Há já seis meses que não choco e há uma semana que não ponho ovo. A patroa se quiser que arranje outra para esses ofícios. Comigo não, violão! O velho galo ia ponderar filosoficamente que galo é galo e galinha é galinha e que cada ser tem sua função específica na vida, quando a cozinheira, sorrateiramente, passou a mão no pescoço da doidivanas e saiu com ela esperneando, dizendo bem alto: ‘A patroa tem razão: galinha que não choca nem põe ovo só serve mesmo é pra panela’.

MORAL: UM TRABALHO POR JORNADA MANTÉM A FACA AFASTADA (FERNANDES, [1963] 1999, p. 22).”

A fábula em tela foi publicada em 1963, época de intenso rebuliço social, principalmente para a classe feminina. Durante esse período, muitos movimentos sociais passaram a surgir e, de certa forma, a interferir no cenário sócio-histórico da época. Com um desses movimentos – o feminista –, buscavam-se melhores condições de existência para a classe feminina:

Na Europa e nos Estados Unidos, o movimento se inspirou nos levantes políticos e nas lutas pelos direitos civis da década de 1960 e ganhou ímpeto com o ingresso cada vez maior das mulheres no mercado de trabalho. O que durante algum tempo se chamou de movimento de liberação feminina tinha como

objetivo a igualdade de oportunidades na educação e no trabalho, liberdade sexual e de reprodução, e a participação total das mulheres na política e na criação de imagens culturais (ROHMANN, 2000, p. 157).

Antes disso, no Brasil as mulheres já haviam conquistado o direito ao voto, no entanto, como salienta Giuliani (2008, p. 644), “as aspirações à cidadania no mundo do trabalho, as que buscam proporcionar iguais oportunidades entre homens e mulheres, passam por um demorado silêncio, interrompido entre 1979 e 1985”. A época de publicação da fábula “A galinha reivindicativa” marca esse período de silêncio, e retrata muito bem esse quadro, na medida em que apenas uma galinha passa a reivindicar seus direitos, sendo logo reprimida pela cozinheira, que age em consonância aos ideais da patroa.

Essas práticas ideológicas que marcaram a sociedade brasileira no período em questão passam a revelar um ambiente social conturbado, de cerceamento de direitos e de silenciamentos provenientes da intervenção do Estado, seja por meio dos AIE’s (patroa), ou dos ARE’s (cozinheira).

Além das questões sócio-históricas, também interessa conhecer o lugar social ocupado por Millôr Fernandes, não para saber sobre suas intenções, mas para compreender certos movimentos de interpelação ideológica da forma-sujeito. Nesse sentido, torna-se relevante apreciar um trecho de uma entrevista na qual Millôr Fernandes (2003, p. 33) sinaliza certas práticas ideológicas às quais se assimila:

(...) se uma pessoa estava no governo, eu ficava contra. Isso em qualquer época. Em plena ditadura Vargas, escrevi assim: “Getúlio é maior que José Maria Vargas Vila (um escritor colombiano, muito popular naquele tempo), porque é

um Vargas Vilão”. Acho que já era um pouco anarquista, pela minha própria formação.

No dizer “Getúlio é maior que José Maria Vargas Vila, porque é um Vargas Vilão”, percebe-se um movimento de interpelação ideológica pela forma-sujeito, a partir da qual se institui “o que pode e deve ser dito (...) a partir de uma posição dada numa conjuntura” (PÊCHEUX e FUCHS, 1997, p. 166). Nesse movimento, ocorre uma relação de contradição com a FD dominante, isso porque, em tais condições sócio-históricas, não se poderia nem se deveria materializar o referido dizer. Com isso, a materialidade linguística passa a se inscrever em outra FD, propiciando uma relação de embate, de conflito, relação esta responsável pelo efeito de deslizamento de sentidos.

Baseando-se nessas informações de ordem sócio-histórica e ideológica, é possível perceber, mediante a leitura do *epimitio*, a instauração de outro efeito de sentido. Mais que isso, é possível perceber um jogo de desconstrução do teor pedagógico do dizer, proporcionado pelo deslizamento de efeitos de sentido. Tal jogo, por sua vez, incide também na relação entre foro e tema da estrutura argumentativa: os termos do foro A = trabalho por jornada e B = afastamento da faca passam a se assimilar aos temas E = Aceitação do lugar ocupado e F = Afastamento de represália.

O movimento de deslizamento de efeitos de sentido, aliado ao jogo argumentativo, pode ser visualizado no quadro que se segue:

Quadro de análise retórico-discursiva²

| | | |
|--------------------------------|---|--|
| Foro | A: Um trabalho por jornada B: Afastamento da faca | Efeitos de sentido ↓ |
| FD1/Tema1 Gênero Proverbial | C: Responsabilidade D: Manutenção da paz | Conselho/ Instrução |
| FD2/Tema2 Gênero Fabular | E: Aceitação do lugar ocupado F: Afastamento de represália | Deslizamento de efeitos de sentido ↓ Conselho ↓ Alerta |

No processo de inscrição/assimilação da forma-sujeito pelo assujeitamento ao efeito de aceitação do lugar ocupado, afastamento da represália, dá-se a instauração do efeito de sentido que inscreve o *epimitio* na FD dominante, tornando-o, junto com a fábula, um exemplo de AIE. Nessa perspectiva, o efeito de conselho, consubstanciado pelas relações de responsabilidade e manutenção da paz, possibilita que a fábula circule

² No quadro de análise, os temas 1 e 2, longe de se constituírem como elementos meramente tautológicos, diferenciam-se pela(re)inscrição social, histórica e política dos termos que os caracterizam. Desse modo, os temas (re)conduzem, em um jogo retórico-discursivo, o teor significativo do *epimitio*, proporcionando a variação de efeitos de sentido.

durante um período de cerceamento de direitos de expressão, que seja publicada em um momento de intenso rebuliço social.

Aliando-se o *epimitio* ao lugar sócio-histórico que Millôr Fernandes ocupa (de afastamento à FD dominante), inscreve-se/assimila-se outra forma-sujeito. Se, na materialidade do dizer, a “aceitação do lugar ocupado” e o “afastamento de represália” remetem, pelo efeito de transparência da linguagem, à FD dominante, o funcionamento interdiscursivo promove um deslizamento de efeito de sentidos, assimilando ao dizer uma perspectiva contraditória. No entanto, sem o movimento de inscrição/assimilação da FD dominante, a fábula poderia não ter sido publicada no contexto sócio-histórico da época, o que sinaliza a necessidade da presença do Outro, da instabilidade, na relação de inscrição de efeito(s) de sentido.

É esse deslizamento de sentidos que, pela relação entre materialidade linguística e funcionamento discursivo, se institui o efeito irônico³. Segundo Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2005, p. 309), “a ironia consiste, às vezes, em inverter a interpretação de um mesmo acontecimento”. Nesse caso, com a presença de uma FD contrária à dominante, emerge a posição irônica, cuja propriedade é a de demarcar um território de resistência, de não aceitação do espaço ocupado. Não se trata aqui de tomar a ironia propriamente como uma estratégia do orador (mesmo que seja plausível assim concebê-la do plano plenamente retórico),

³ Do ponto de vista argumentativo, O. Ducrot (1987, p. 198) apresenta o falar irônico como sendo “para um locutor L, apresentar a enunciação como expressando a posição de um enunciador. Posição de que se sabe por outro lado que o locutor L não assume a responsabilidade e, mais que isso, que ele a considera absurda”.

mas como um efeito que (des)estabiliza certos sentidos e que encontra sua origem na dispersão de sujeitos e na heterogeneidade discursiva.

Diante da abordagem retórico-discursiva, observa-se, pois, a instauração da polissemia que marca a fábula e, conseqüentemente, o *epimitio*. Assim, a partir da perspectiva de conselho/instrução, o texto passa a ser publicado mesmo em uma época marcada pelo silenciamento, mas, em um efeito contraditório, também emerge como um meio de alertar, de delatar a estrutura social vigente. Assim a fábula se constitui enquanto elemento reacionário, indo de encontro aos ideais perpetuados no contexto sócio-histórico em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a presente abordagem, fundamentam-se pelo menos dois gestos de leitura que, em uma articulação tensiva entre o argumentativo e o discursivo, se inscrevem em diferentes FD's, proporcionando efeitos de sentido distintos.

Diante do primeiro gesto de leitura, referenda-se a publicação da fábula em 1963, ao tê-la inscrita em uma FD dominante. Mesmo em uma época de cerceamento de direitos à livre expressão, o efeito pedagógico atribuído à fábula se institui como uma de suas condições de existência (ou melhor, de publicação!). Já com o segundo, propõe-se um deslizamento de efeitos de sentido, inscrevendo o dizer em uma FD contrária. Na mesma fábula em que se apresentam efeitos de sentido voltados à FD dominante,

proporciona-se a instauração de outro viés significativo: um viés contraditório.

Desse modo, é estabelecido o movimento retórico-discursivo que promove a reinscrição do *epimitio*, em um jogo de contradição entre FD's. No *corpus* de análise, é reiterada a desconstrução do efeito pedagógico da fábula: diz-se que um trabalho por jornada mantém a faca afastada não para aconselhar, instruir sobre o comportamento adequado à sociedade; e sim para alertar sobre a estrutura social até então vigente, para denunciar os rumos que vêm sendo dados à sociedade brasileira.

Materializa-se, então, o teor irônico na relação de instabilidade entre FD's. É nesse processo retórico-discursivo que certos efeitos de sentido apontam para uma direção e, dissimulados pela impressão de transparência da linguagem, camuflam uma via de mão-dupla, na qual outro(s) efeito(s) segue(m), a todo vapor, em direção contrária.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 9. ed. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: Introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Civilização e cultura*. 1. ed. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1983.

CLARET, Martin. As fábulas de todos os tempos. In: ESOPO. *Fábulas*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

COHEN, Claudio. *Provérbios e o inconsciente*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

FERNANDES, Millôr. *Fábulas fabulosas*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nordica, [1963] 1999.

FERNANDES, Millôr. Múltiplos diálogos. *Cadernos de literatura brasileira*. São Paulo, Nº 15, p. 29-49, jul. 2003.

GIULANI, Paola Cappellin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MACEDO, J. O poder político e a fábula. In: MACEDO, J.; ROCHA, M. J. C.; NETO, J. A. S (Org.). *Discursos em análise*. Salvador: UCSal. Instituto de Letras, 2003. p.213-230.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: Definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.) *Gêneros textuais e ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 19-36.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX. M & FUCHS C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET. F & HAK T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de*

Michel Pêcheux. Tradutores Bethania S. Mariani... [et al.] 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: A nova retórica*. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROCHA, Regina. *A enunciação dos provérbios: descrições em francês e português*. São Paulo: ANNABLUME, 1995.

ROHMANN, Chris. *O livro das idéias: Um dicionário de teorias, conceitos, crenças e pensadores, que formam nossa visão de mundo*. Trad. Jussara Simões. Rio de Janeiro: Campus, 2000.